

Javé-Leão e o julgamento de Efraim (Oséias 5,8-14)

*Fernando Cândido da Silva**

Resumo

Esta comunicação elabora uma exegese de Oséias 5,8-14 e tem como eixo central a localização do *Sitz im Leben* da perícopa. No contexto da guerra siro-efraimita, o profeta faz uma reflexão sobre a situação da monarquia e do povo em Israel no século VIII a.C.
Palavras-chave: Profecia; Guerra; Oséias; Israel; Judá.

Lion-Yahweh and the judgment of Ephraim (Hosea 5, 8-14)

Abstract

This communication elaborates an exegesis of Hosea 5,8-14 and has as its central axis the identification of the *Sitz im Leben*. In the context of Syro-Ephraimite War, the prophet reflects on the situation of the monarchy and of the people of Israel in the Eighth Century B.C.

Keywords: Prophecy; War; Hosea; Israel; Judah.

Iahvé-León y la sentencia de Efraín (Oseas 5, 8-14)

Resumen

Esta comunicación elabora un exégesis de Oseas 5, 8-14 y tiene como eje central la localización del *Sitz im Leben* del texto. En el contexto de la guerra siro-efraimita, el profeta medita acerca de la situación de la monarquía y del pueblo de Israel en el siglo VIII a.C.

Palabras claves: Profecía; Guerra; Oseas; Israel; Judá.

* Mestre em História Antiga pela Universidade Estadual Paulista. Doutorando em Ciências da Religião/Literatura e Religião no Mundo Bíblico na Universidade Metodista de São Paulo. Endereço eletrônico: zecfer@yahoo.com.br.

Nesta comunicação faço uma exegese de Oséias 5, 8-14¹. Primeiramente, apresento uma tradução literal do texto, ou seja, sem deixar de ser compreensível, procuro manter a fidelidade ao original hebraico. Em seguida, discuto questões de forma para só então partir para os conteúdos proféticos.

Tradução

⁸ Tocai trombeta em Gibeah
corneta em Ramah!
Gritai Bet-Áven:
Atrás de ti, Benjamim!

⁹ Efraim ruína será no dia de julgamento
Nas tribos de Israel proclamo de forma duradoura.

¹⁰ São os príncipes de Judá como os que removem o limítrofe,
sobre eles derramarei, como água, minha ira.

¹¹ Oprimido (está) Efraim,
quebrado o direito,
pois pôs-se a caminhar atrás de vaidade.

¹² E eu (sou) como traça para Efraim
e como carcoma para a casa de Judá.

¹³ Quando viu Efraim sua doença
e Judá sua úlcera,
Então, foi Efraim para Assíria
e enviou ao Rei-Grande,
mas ele não poderá curar-vos
e não sanará vossa úlcera.

¹⁴ Pois eu (sou) como leão para Efraim
e como leãozinho para a casa de Judá.
Eu, eu dilacero e vou-me embora,
carrego e não há quem liberte.

Guerra de homens ou de Deus?

O texto acima traduzido possui sua ênfase própria. Diz algo específico. Todavia, de uma certa forma, está em continuidade com outros versos bíblicos. Oséias 5, 8-14 está vinculado temática e formalmente ao capítulo a que

¹ Não trato do v. 15, uma vez que este parece abrir uma nova unidade sob o tema da conversão enquanto lição da guerra (5, 15-6, 6). Cf. Jeremias (1986, p. 83-84).

pertence. Talvez ainda mais: está vinculado ao conjunto literário maior dos capítulos 4-11, uma seção de processo de Javé contra a terra de Israel. Se for assim, 5, 8-14 atende ao horizonte interpretativo fornecido por 4, 1-3: falta em Israel solidariedade no convívio e conhecimento de Deus (Zenger 2003, p. 465-473). Daí as ameaças proféticas subsequentes.

O *esquecimento de Deus* no culto e na política é o tom do capítulo 5: “sacerdotes” e “casa do rei” são intimados a ouvir (v.1) os oráculos de Oséias. Diria que esta é a ligação temática das duas unidades do capítulo (v. 1-7; v. 8-14). Os primeiros versos (v. 1-7) parecem formar uma unidade pericopar referente à apostasia cultural de Israel. Aqui são os sacerdotes os que ouvem! Já a outra unidade do capítulo (v. 8-14) ameaça os representantes políticos do povo, com suas decisões destrambelhadas.

Quanto à conexão formal das unidades do capítulo, arrisco: (i) o paralelo entre Judá e Efraim (v. 5; v. 12-14); (ii) o uso de imperativos nos versos iniciais (v. 1; v. 8); e (iii) o constante uso da primeira pessoa (v. 2-3; v. 9-10; 12;14), em que Javé se insere no oráculo de forma enfática para manifestar sua “ira” (v. 10).

Se acima dissemos que 5,8-14 está concatenado ao conjunto dos capítulos 4-11, talvez seja imprescindível reduzir ainda um pouco mais esta concatenação: 5, 8-7, 16 refere-se às memórias da oposição profética à guerra siro-efraimita. A partir do trabalho de Alt (1953, p. 163-187), nossa perícopa é associada a este conflito que envolve Israel, Síria e Judá. E não é por acaso; afinal, de fato, ela marca uma nova situação e um novo tema. Como se observa, sua introdução define um ambiente militar: “tocai trombeta” e “gritai” são bons indícios para tal interpretação.

Nossa perícopa é poética. Mais do que características formais, o que sobressai nessa poeticidade é a densidade de conotações, comparações e metáforas. “Está claro que o teor emocional é alto. Relacionado à emoção está o envolvimento, distinto da observação discursiva imparcial... Não há dúvida de que Oséias exibe uma participação na vida da comunidade que enfrenta um desastre, especialmente pela ameaça de Deus” (Buss, 1969, p. 37).

O v. 8 demonstra esse envolvimento. É um chamado de guerra: trombetas, cornetas, gritos são recursos usados para conectar o público que vive num contexto de guerra. Portanto, são expressões que extrapolam o nível da metáfora. O povo pode sentir, junto com Oséias, o horror do conflito. Esse primeiro verso da poesia convida à reflexão das conseqüências da guerra. As próximas estrofes é que afunilam a questão.

Nos vs. 9-11, Israel e Judá, nações-irmãs, estão envolvidas em guerra. Que vergonha! Para a mentalidade profética tal postura é pura sandice. Para chegar a essa conclusão, Oséias reflete poeticamente a situação: nos vs. 9-10 trabalha ameaça (v. 9a; 10b) e denúncia (v. 9b; 10a). Efraim e Judá devem

sentir a ira de Javé. Este último argumento é desenvolvido, por fim, no v. 11. Aqui, a argumentação ganha intensidade em cada momento do verso, com o enfoque no centro – a falta de *mixpaṭ* em Israel!

A última estrofe da poesia (v. 12-14) está repleta de conotações belíssimas e de uma lógica poética interessante: os versos da ponta se interligam (v. 12: “Eu sou como traça... como carcoma”; v. 14: “Eu sou como leão... como leãozinho”). O centro é o v. 13. Aqui, não é Javé que ameaça, posto que os próprios líderes políticos ‘vêm’ sua culpa. O erro, contudo, está na busca de solução na Assíria. Deus, na palavra profética de Oséias, não pode estar de acordo com o conflito entre Judá e Israel. Afinal, quem arcará com os prejuízos do avanço assírio é o povo. E, para defender esse grupo, Javé vira leão! De nada adianta os governantes procurarem o monarca assírio. Já corroídos pela traça e pelo carcoma, o Leão-Grande não apenas rugirá. Efraim e Judá serão ‘dilacerados/carregados’ por não cuidarem dos que realmente sofrem com a guerra.

A hora da profecia

Não quero fixar-me demais no contexto desse oráculo de Oséias. “Guerra” parece ser mesmo seu *Sitz im Leben*.² Isso nos remete à guerra siro-efraimita, que já é bem conhecida por todos (Donner, 2000, p. 349-362; Tavares, 1982, p. 85-107). Mesmo assim, é importante destacar a urgência da palavra profética no século VIII a.C.

Esses profetas são uma espécie de porta-vozes das mulheres e dos homens do campo. (...) Em suas denúncias contra a opressão dos pobres e as práticas idolátricas, representam justamente o reverso tanto do expansionismo dos estados nacionais quanto do imperialismo assírio. (...) Os profetas nos apresentam a história das conquistas desde seu reverso, desde as experiências daqueles que, afinal, eram obrigados a pagar pelas novas realidades expansionistas e imperialistas introduzidas no decorrer do século VIII (Schwantes, 1989, p. 14).

Como se observa, não é por acaso que Oséias (bem como Isaías!)³ critica tão duramente o envolvimento de Israel e Judá em conflitos. As consequências negativas da guerra eram óbvias na mente do profeta!

Perdas irreparáveis, vidas humanas, dignidade roubada! Tiglate-Pileser III não tardou e logo sufocou no nascedouro uma conspiração dirigida contra ele:

² No conceito de *Sitz im Leben* não está embutido uma ocasião histórica (p.ex.: guerra siro-efraimita), mas um elemento estrutural na sociedade que dá origem aos gêneros literários (p.ex.: guerra).

³ Isaías se dedica ao tema em 6,1-9,6, ao tomar uma posição pacifista frente ao conflito. Cf. a exegese de Schwantes (2003, p. 207-214).

Judá tornou-se vassalo do império assírio e Israel ficou reduzido às montanhas da Samaria. Sendo assim, essa hora mancha de sangue Oséias 5, 8-14. Sangue do povo “cansado e abatido como ovelhas sem pastor” (Mt 9,36).

Trombetas e cornetas – eis a guerra!

É um chamado de guerra. Talvez um aviso de ataque de guerra, conforme demonstra o imperativo “gritai”. As cidades citadas – Gibeah, Ramah e Bet-Áven (Betel) – encontram-se todas em território benjaminita, ao sul do reino de Israel. Referências bíblicas apontam para uma história de luta por essa porção de terra (1Rs 15, 16-22). Não é de agora que Israel e Judá disputam o controle da fronteira de seus países.

O v. 8 de nossa perícope pode fazer alusão a um contra-ataque por parte de Acaz, na tentativa de reaver antigas possessões territoriais (Mays, 1969, p. 88). O conflito siro-efraimita parece ter sido um bom momento para tal pretensão. De qualquer modo, esta é apenas uma tentativa de ler geograficamente o verso bíblico. Para além disso, é importante frisar *xopar* e *hasoserah*.

O primeiro acessório trata-se de um chifre de animal, geralmente o carneiro, usado durante batalhas e adorações. Assoprar um *xopar* era um sinal público com o objetivo de ajuntar, advertir e anunciar a guerra (Jr 51, 27). Associar o uso de *xopar* com *hasoserah* pode indicar a urgência da mensagem profética (Andersen; Freedman, 1980, p. 405). O conflito está próximo. Já adentrou ao território de Israel. Efraim que se segure, porque a guerra atingirá em breve o palácio real!

A opressão de Efraim

A perícope abre-se de forma agitada. Uma guerra está acontecendo. E por culpa de quem? Os vs. 9-11 deixam claro os culpados – “Efraim” e “príncipes de Judá”. Ora, como se vê, são as instituições do estado de Israel, mas também de Judá, os responsáveis pelo que acontece nos anos 733/732. A Assíria conquista e deporta devido à política irresponsável dos “príncipes”. Oséias não consegue deixar de pensar, portanto, no castigo para estes.

Ameaças e denúncias recheiam os vs. 9-10 do seguinte modo:

v.9	ameaça	denúncia
v.10	denúncia	ameaça

É de forma perene que Javé anuncia: Efraim será ruína! O rei e sua corja não escaparão da ofensiva assíria. Acho curioso aqui o uso da expressão *lexamah*, que atesta o estado físico de desolação que chegará Israel. A expressão transparece a gozação do profeta: *xamah* é também “objeto de caçada”

(Alonso-Schökel, 2004, p. 678). Mesmo numa hora difícil como a da guerra, Oséias ri. Tem absoluta confiança (cf. o uso de *'mn* nifal no v. 9b) no castigo de Javé. Castigo esse que alcança também o reino do Sul de Judá.

Se a interpretação do v. 8 estiver acertada, o limítrofe em questão seria a fronteira entre Israel e Judá, isto é, o território de Benjamim. A tentativa de conquistar essa faixa de terra por parte de Acab parece não atender à legislação bíblica (cf. Dt 19,14!). Daí o reinado sulino sofrer com a ira de Deus.

Para fechar a estrofe, o v. 11 faz uma seqüência de denúncias que se complementam e ganham intensidade. Começa com a situação de opressão de Efraim. O verbo está no particípio – Efraim não oprime, está sendo oprimido. Eis uma das conseqüências de agir de forma insensata. Por caminhar atrás de vaidade, preocupando-se com o cenário internacional sem olhar para os que sofrem dentro do país, o julgamento virá a galope! Todavia, pelo que parece, o mais importante do verso está no centro dele: “quebrado o direito”. O verbo *rss* dá a idéia de “quebrar, romper, partir, destroçar”. O que está quebrado é *mixpat*, que conota “procedimentos judiciais respeitosos dos direitos de todas as classes” (Blenkinsopp, 1996, p. 05). Eis a ordem lógica do verso: o Estado de Israel encontra-se oprimido pela Assíria por ter rompido com o direito dos pobres⁴ e se envolvido em questões de perfumaria internacional.

Eu sou como leão

A última estrofe da poesia de Oséias está repleta de ameaças. O v. 12 e o v. 14 se ligam. E o v. 13 está no centro. Começemos então pelo meio, que parece explicar os ditos das pontas.

Efraim e Judá não passam muito bem. Estão doentes. Acabada a guerra siro-efraimita, ambos saem perdedores. O grande vencedor é o império assírio. Curiosamente, ao invés de recorrer a Javé, os políticos procuram o “Rei-Grande”. Este é o título do imperador assírio: “Grande Rei, Forte Rei, Rei do Mundo, Rei da Assíria”. Nesta denominação podemos entrever uma construção histórica e estilística que une todas as facetas do prestígio internacional da realeza assíria (Malamat, 1998, p.192-215).

E que prestígio! Efraim chega mesmo a enviar tributos ao imperador. O texto hebraico silencia nesse aspecto; diz somente que “enviou”. Em nossa interpretação, o tributo é conjectura. Se for assim, estamos já sob o governo do rei Oséias em Israel. Após a guerra siro-efraimita e a redução do território de Israel, o novo rei efraimita trata logo de pagar ouro e prata à Assíria, re-

⁴ Para aprofundar a questão do lugar e do direito dos pobres no Antigo Testamento, cf. Schwantes (1977).

afirmando seu estado de vassalagem⁵. Contudo, a doença descrita no início do v. 13 não será curada assim. A opressão continuará, não para a monarquia israelita e judaíta, mas para o povo que arca com os pesados impostos cobrados pelo império de Assur.

Esse último aspecto explica os versos das pontas da estrofe. Mesmo oprimido internacionalmente (v.1 1), Efraim continua a proceder como agente da opressão nacionalmente. Para o profeta Oséias, Javé não pode suportar isso. Daí que o próprio Deus se intitula como “traça e carcoma” para as realezas bíblicas. É desde dentro, portanto, habitando no meio deles, que Javé atuará: não para proteger, mas para corroer (Alonso-Schökel; Sicre Díaz, 1991, p. 919).

Como se não bastasse Javé ser traça e carcoma, no último verso ele se transforma em leão. *Xahal* e *kefir* são os dois vocábulos usados: na poesia de Oséias 5, 8-14, ligam-se à dupla “traça e carcoma” do v. 12. O texto amplia o leque de expressões para criar riqueza poética! Sendo assim, *xahal* e *kefir*, mesmo designando, respectivamente, a cria do leão já desmamada e o jovem leão que já busca sua presa, equivalem a *'arí*, o leão adulto. Afinal, esse leão ‘dilacera’ e ‘carrega’ sua presa! Oséias utiliza a imagem do leão porque este simboliza força e valor. Essa força ameaça o homem; portanto, Javé-Leão aterroriza e ameaça os estados monárquicos bíblicos.

Pior do que a Assíria é Javé-Leão. Pela insensatez política internacional que oprime o povo, os monarcas ficarão para sempre aprisionados. “Não há quem liberte”: é o fim do Estado de Israel, que se concretizará anos mais tarde, em 722.

Adendo

Durante a interpretação do v. 14 avancei na metáfora do “leão” no sentido de contribuir para a leitura da ameaça à monarquia. Contudo, creio que a imagem leonina pode contribuir ainda para um outro sentido em Oséias.

Milton Schwantes, em um colóquio sobre Oséias 14, 2-9, demonstrou como o profeta dialogava com a cultura religiosa de seu contexto, ao assimilar a linguagem religiosa cananéia. Naqueles versículos, as evidências eram o orvalho, o Líbano, a árvore da vida e até mesmo duas divindades cananéias – Anat e Axerá. Creio que em 5, 8-14 também podemos achar alguma evidência: a identificação de Javé com o leão!

Na mentalidade cananéia, o leão está bastante associado com divindades tais como El, Baal e a Deusa-Mãe. Documentos iconográficos demonstram

⁵ Uma inscrição de Tiglate-Pileser III fala sobre o assunto. Eis a tradução inglesa do documento: “Israel... all its inhabitants and their possessions I led to Assyria. They overthrew their king Pekah and I placed Hoshea as king over them. I received from them 10 talents of gold, 1.000 talents of silver as their tribute and brought them to Assyria” (Pritchard, 1969, p. 284).

claramente isso, especialmente a divindade montada sobre o animal (Cornelius 1994:195-208). Pelo que parece a religião israelita não se desenvolveu a parte da cultura e religiosidade cananéia. Muito pelo contrário, pode ter se desenvolvido exatamente dessa matriz! No Javé-Leão de Oséias podemos entrever o intercâmbio da profecia com manifestações religiosas populares.

Referências

- ANDERSEN, F.; FREEDMAN, D. N. *Hosea: a new translation with introduction and commentary*. [The Anchor Bible, 24]. Nova York: Doubleday, 1980.
- ALONSO-SCHÖKEL, L. *Dicionário bíblico hebraico-português*. 3. ed. São Paulo: Paulus, 2004.
- ALONSO-SCHÖKEL, L.; SICRE DÍAZ, J. L.. *Profetas II*. São Paulo: Paulinas, 1991 (Grande Comentário Bíblico).
- ALT, A. *Kleine Schriften zur Geschichte des Volkes Israel II*. München: Beck, 1953.
- BLENKINSOPP, J. *A history of prophecy in Israel*. Louisville: Westminster John Knox Press, 1996.
- BUSS, M.. *The prophetic word of Hosea*. [Beihefte zur Zeitschrift für die alttestamentliche Wissenschaft, 111]. Berlin: Verlag Alfred Töpelmann, 1969
- CORNELIUS, I. *The iconography of the Canaanite gods Reshef and Ba'al – Late Bronze and Iron Age I periods (ca. 1500-1000 BCE)*. [Orbis Biblicus et Orientalis, 140]. Fribourg/Göttingen: University Press/Vandenhoeck und Ruprecht, 1994
- DONNER, H. *História de Israel e dos povos vizinhos*. [Estudos Bíblico-Teológicos AT, 9. Vol. 2]. São Leopoldo/Petrópolis: Sinodal/Vozes, 2000, vol.2
- ELLIGER, K.; RUDOLPH, W. (eds.). *Biblia Hebraica Stuttgartensia*. 5th ed. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 1997.
- JENNI, E.; WESTERMANN, C. (eds.). *Diccionario teológico manual del Antiguo Testamento*. Vol. 1. Madri: Cristiandad, 1978.
- JEREMIAS, J. *Der Prophet Hosea*. [Das Alte Testament Deutsch, 24/1]. Berlin: Evangelische Verlagsanstalt, 1986.
- MAYS, J. L. *Hosea: a commentary*. [The Old Testament Library]. Philadelphia: Westminster Press, 1969.
- MALAMAT, A. *Mari and the Bible*. [Studies in the History and Culture of the Ancient Near East, 12]. Leiden: Brill, 1998.
- PRITCHARD, J. B. (ed.). *Ancient Near Eastern texts relating to the Old Testament*. 3rd ed. Princeton: Princeton University Press, 1969.
- SCHWANTES, M. A profecia durante a monarquia. In: *Profeta: saudade e esperança*. [Palavra na Vida, 17/18]. Belo Horizonte: Cebi, 1989. p. 6-25
- _____. Armas não armam tendas de paz: observações sobre Isaías 8,1-4. *Estudos de Religião*, São Bernardo do Campo (SP), Umesp, n. 25, p.207-214, 2003.
- _____. *Das Recht der Armen*. [Beiträge zur biblischen Exegese und Theologie, 4]. Frankfurt: Verlag Peter Lang, 1977
- TAVARES, A. A. Os hebreus perante a ofensiva assíria desde 746 a 722 a. C. (Queda de Samaria). *Didaskalia*, v. 12, n. 1, p. 85-107, 1982.
- ZENGER, E. (org.). *Introdução ao Antigo Testamento*. [Bíblica Loyola, 36]. São Paulo: Loyola, 2003.